



A Educação Como Fetiche da Mercadoria

José Bezerra da Silva⁽¹⁾; Max Silva da Rocha⁽²⁾

Página | 304

⁽¹⁾Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professor de Filosofia da Faculdade São Tomás de Aquino – FACESTA em Palmeira dos Índios – AL. E-mail: filosofojb@hotmail.com; ⁽²⁾Graduando do 6º período do curso de Letras – Português pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL campus III em Palmeira dos Índios - AL. E-mail: msrletras@gmail.com

Recebido em: 20 de fevereiro de 2015; Aceito em: 20 de março de 2015 Copyright© Autor, 2016.

RESUMO: Este artigo analisa o processo de mercantilização da educação sob o signo neoliberal, bem como apresenta a insuficiência de busca de cidadania como teleologia única capaz de humanizar a humanidade. No mais, o fetichismo da mercadoria esconde as verdadeiras relações sociais, as quais estão condicionadas pela dominação classista e a educação se põe diante do dilema, ou satisfazer os interesses gritantes do capital ou contribuir, através da realização de atividades educativas emancipadoras na construção da massa revolucionária. Vê-se também a invectiva de organismos internacionais em processo de colaboração com os Estados de capitalismo periférico, no sentido de financiar a educação básica e determinar os conhecimentos a serem estudados. Assim, o neoliberalismo é apreendido nas escolas com a tendência de se perenizar historicamente.

Palavras-chave: Educação. Mercado. Neoliberalismo. Organismos internacionais. Estado e cidadania.

ABSTRACT: This article analyzes the commercialization process of education under the neoliberal sign and shows the failure of seeking citizenship as the sole teleology able to humanize mankind. Otherwise, the commodity fetishism hides the true social relations, which are conditioned by the class-domination and education stands before the dilemma, or meet the glaring interests of capital or contribute through the implementation of emancipatory educational activities in the mass construction revolutionary. See also the invective of international organizations in collaboration process with peripheral capitalism States in order to fund the basic education and determine the knowledge to be studied. So neoliberalism is seized in schools with a tendency to perpetuate historically.

Keywords: Education. Marketplace. Neoliberalism. International organizations. Status and citizenship.

INTRODUÇÃO

A análise a seguir se inclui no campo da esquerda brasileira que desenvolve ferrenha crítica ao predomínio do mercado no campo educacional. Não tem a pretensão de esgotar assunto tão vasto, mas apenas contribuir com o debate, levando em consideração que as influências de organismos internacionais na educação trazem grandes riscos para os povos em desenvolvimento, dentre tantos, o Brasil. Os povos das mais distantes culturas transmitiam aos seus descendentes os conhecimentos acumulados. Esta prática aprimorou-se adquirindo contornos de formalidade. Assim, nas sociedades bem mais organizadas, como a Grécia e posteriormente Roma, a educação se especializou para atender adequadamente aos interesses da classe dominante, que excluía do processo educativo as mulheres, os escravos e os comerciantes.

Historicamente a educação foi sempre classista, voltada para atender aos interesses prevaletentes dos dominadores. Daí o seu caráter político. Atualmente o Estado coordena a educação formal, dando permissão aos particulares para que também eduquem por dinheiro. Parece que o Estado se sobrepõe à sociedade no tocante ao processo educativo, permitindo e não poucas vezes coadjuvando os particulares no desiderato de tornar a educação um serviço lucrativo, portanto, uma mercadoria. “A partir dessa posição, exige-se que só as iniciativas privadas se encarreguem da educação da cidadania” (SANTOMÈ, 2003, p.11). Esta realidade tomou grande impulso no Brasil a partir dos fins dos anos 1970, quando o neoliberalismo se intensificou e passou a dominar os diversos campos do conhecimento, como o educativo, o cultural, o artístico e o científico. É de se notar que estamos nos tempos das relações entre os homens serem fundadas nos princípios mercadológicos e amparadas pelos sistemas de comunicação. Por isso, a educação tornou-se num artigo de luxo e só quem tem dinheiro pode dela usufruir. Os demais, os trabalhadores, apenas “sonham” com a escola pública, gratuita e de qualidade para si e para os seus filhos. Quanto ao Estado, perdeu sua força de autonomia. Este é o enfoque que o nosso trabalho aborda.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Os interesses econômicos são mais fortes e ditam as regras. Por isso o Banco Mundial acopla duas funções: econômica e educativa, pois entende ser a educação uma

mercadoria valiosa, que não somente dá lucro, como ainda influencia decisivamente na conservação do *status quo* quando insufla o consenso às novas gerações.

Enrique Dussel (1934) conceituou fetiche do seguinte modo: “fetiche é palavra originada do português feitiço, que significa coisa feita” (2007, p.43). “É um fazer deuses como produto da imaginação dominadora do ser humano” (idem, p.64). O fetiche é instrumentalizado pela ação humana com vistas a camuflar a realidade, aprisionando o homem na aparência dos fenômenos. A obviedade deste fato aparece ao tratar-se do fetichismo da mercadoria, porque as relações sociais de produção somente aparecem no mercado. Desse modo, “fetichismo é o poder de autonomia que a mercadoria exerce em relação aos produtores” (NETTO; BRAZ, p. 92), e assume este perfil desde os albores do capitalismo, em que se presta para reforçar a alienação do trabalhador. Este fato foi percebido por Marx (1818-1883) por ocasião da elaboração de suas obras, mas tratado pormenorizadamente no volume I d’O Capital, no qual diz:

A forma mercadoria é a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ele se apresenta, não tem que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. [...] O trabalho individual produz mercadoria. Este trabalho se torna social no mercado. Daí que se tornam relações sociais entre as coisas e relações reificadas entre as pessoas. (p.198).

A temática educação “tem sua origem nos verbos latinos *educare* (alimentar, amamentar, criar), com significado de algo que se dá a alguém e *educere*, que dá a ideia de conduzir para fora, fazer sair, tirar de” (GARCIA, 1977, p. 1). Agora, levando em consideração os conceitos supracitados, podemos refletir sobre a questão: qual a relação entre o fetiche da mercadoria e a educação?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fetichismo da mercadoria põe um véu sobre as relações de produção, deixando-as à vista apenas no mercado. É uma prática encobridora, em que os objetivos são peremptoriamente camuflados. Concomitante, a mercadoria educação legitima a exploração dos trabalhadores para “induzi-los à sua aceitação passiva”. (Mészáros, 2008 p.17). Esta afirmação não nega a possibilidade de realização de atividades educativas emancipadoras, revolucionárias, mas a educação enquanto sistematização de conhecimentos elaborados e difundidos mediante a ação estatal é passiva de apenas

reproduzir e realocar meios para dinamizar e influenciar aspectos no interior do sistema. “É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (idem, 2008 p.27). Este gesto vislumbra novos horizontes para os envolvidos no processo educativo. Dá sentido à prática professoral, questiona as atitudes passivas e apolíticas no trato com a educação e na distribuição de conhecimentos e retoma o debate histórico enquanto instrumento clarificador das formações sociais excludentes e opressivas e liberta o professor e a professora de “permanecer aprisionado no círculo vicioso dos efeitos condenados” (idem, 2008 p. 30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação tomada como mercadoria está a serviço de poucos, aos quais dá muito lucro. Por este viés caminha a humanidade em tempos neoliberais. O mercado é o centro irradiador de valores, de bons costumes, de cultura e de conhecimento. Esse *modus vivendi* domina a existência humana presente com possibilidade de perscrutar os sinais dos tempos futuros, ou influenciá-los decisivamente.

Não se pode negar que os Estados tendem a corrigir o capital aqui e ali. Há muitas tentativas de correção no campo educacional, mediante projetos reformistas, como aqueles incluídos dos afrodescendentes no âmbito escolar, desencadeadas no Brasil desde 1996 com a chegada nestas terras do modelo norte-americano denominado de política de ações afirmativas. Entretanto, o capitalismo com a sua face neoliberal só permite reformas e jamais mudanças substanciais. Parece trocar seis por meia dúzia. Por isso, toda e qualquer reforma não abala a estrutura do edifício. As benesses são distribuídas sob a forma de migalhas a fim de atender a maioria, sem, porém, modificar seu *status*.

O pobre permanecerá pobre apesar de participar melhormente dos bens materiais produzidos. Sua integração é sob medida, não deve ultrapassar os limites previamente definidos pelos donos do capital. Na melhor das hipóteses, a classe dominante labora com o consenso. As políticas criadoras de oportunidades decorrem das próprias políticas neoliberais, como já foi visto nas palavras de MacNamara. Contudo, a educação pode servir de instrumento revolucionário para os excluídos. Estes podem dispor dela para alavancar uma transformação radical da sociedade. Mas não basta

apenas a educação. Esta seria apenas um instrumento, um dispositivo útil nas mãos dos oprimidos.

A educação é indissociável da sociedade e pode servir tanto de instrumento para a manutenção das condições de exploração e subordinação do proletariado pela burguesia, quanto de alavanca para a necessária transformação histórica da sociedade em direção ao socialismo. (LOMBARDI; SAVIANI, 2005, p.32).

Por ora as políticas neoliberais predominam no campo educacional brasileiro e no campo educacional dos demais países do mundo. Parcela considerável das lutas dos trabalhadores não vislumbra ir além do capital, pois é de algum modo cerceada pelos interesses imediatos e facilmente se aconchega às facilidades implementadas pelo próprio sistema. Assim, o capitalismo fica mais forte e os raros questionadores são chamados de retrógrados.

Uma evidência toma destaque em todo o texto, qual seja, os interesses conflituosos da sociedade capitalista podem ensejar a realização de atividades educativas voltadas para a emancipação humana na perspectiva marxiana. Tais atividades contribuirão para romper o círculo vicioso do sistema do capital e desnudar o invólucro de alienação que paira sobre toda a sociedade brasileira. Para dar cumprimento a este desiderato urge parafrasear Karl Marx: professores e professoras de todos os países, univos.

REFERÊNCIAS

1. DUSSEL, Enrique. **20 teses de política**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
2. FONSECA, Marília. *O Banco Mundial como referência para a justiça social no terceiro mundo: evidências do caso brasileiro*. Disponível em: <Scielo.br/scielo.php? pid>.
3. Acesso em: 20.07.2010.
4. LOMBARDI, Claudinei; SAVIANI, Dermeval. *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
5. MARX, Karl. *O Capital – crítica da economia política*. Volume I, livro primeiro, São Paulo: Nova Cultural, 1996.
6. MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
7. MÉSZÁROS, Istvan. *A Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

8. NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2007.
9. SANTOMÉ, Jurjo Torres. *A Educação em tempos de neoliberalismo*. Porto Alegre: Artmed, 2003.